

ALÉM DA NOTÍCIA

Esquema vai se repetir

Para livrar o presidente em exercício José Sarney de atribuições maiores, como a de promover a posse do presidente eleito Tancredo Neves mesmo numa cama de hospital para ganhar legitimidade no cargo, o mesmo esquema de forças do PMDB que interagiu para apoiar a candidatura do ex-governador de Minas está agora se mobilizando para conferir ao ocupante interino do poder um lastro maior de segurança.

No cerne dessas negociações está o senador Fernando Henrique Cardoso, que esteve anteriormente na linha de frente das articulações promovidas no PMDB para a aceitação da candidatura algo conservadora do governador Tancredo Neves. Agora, é intenção do senador paulista, líder de fato da Nova República no Congresso Nacional, facilitar a absorção de Sarney pelos núcleos político-partidários mais renitentes — os mesmos que se curvaram ante o fato consumado de Tancredo.

Será uma segunda concessão de monta dos grupos mais ortodoxos do PMDB, que, assim, terão ampliada sua carga de frustração e ressentimentos. Mas o senador paulista fala em mal menor para a democracia, e com essa pregação alivia as tensões e esmaece a visão de um golpe congressual em Sarney. Para elevar o moral desses segmentos mais resistentes, Fernando Henrique menciona a palavra renegociação, como aliás antecipou em entrevista ao editor Armando Rollemberg, no **CORREIO BRAZILIENSE** do último domingo. Renegociação, saliente-se, ampla mas não irrestrita, pois alguns tabus da segurança nacional não deverão ser incluídos, como a antecipação da Constituinte, e fixação das eleições diretas para presidente para este ano ou 86.

Para alicerçar um programa de sustentação de Sarney na Presidência, as correntes mais representativas do PMDB irão exigir-lhe certamente concessões quanto à sua maior representação no Governo, considerada não inteiramente atendida pelo presidente eleito Tancredo Neves. A bancada federal paulista, particularmente, querará ter um ou dois nomes no Ministério, e é certo que um deles volte a ser reapresentado: o deputado Freitas Nobre, para ministro das Comunicações.

O fato é que as articulações pró-Sarney já ganham corpo, independentemente da ação do senador Fernando Henrique ou de outros políticos mais realistas, tendo em vista a consolidação do preceito constitucional. O "grupo dos sete", com que a esquerda independente é conhecida no Congresso, é pela manutenção do poder integral a Sarney. O PC, sempre realista no plano histórico e vacinado contra ebulições, prefere a continuidade. O PC do B, através de seus porta-vozes, deseja a mesma situação, e até mesmo o PT só faz carga contrária no tocante à antecipação da Constituinte, mas no fundamental acompanhando as demais tendências de esquadra.

Contido o aparato radical-ideológico, nada há a perturbar o quadro da transição emergencial. De um lado, sustentado pelas forças políticas e do outro pelas forças militares, o Presidente em exercício busca emcaminhar as soluções para sua permanência mais longa no poder através de ritos políticos de negociação.

O único fator da sustentação do governo Sarney passa a ser, fundamentalmente, a sua competência para se antecipar aos impasses e fornecer alternativas políticas aos problemas que irão surgindo à sua frente. Não será obra fácil, mesmo porque o destino, que o Sr. José Sarney tanto invoca, não é feito de facilitário.

COMO UMA BÓIA

A expressão de um importante prócer do PMDB, para definir o aqodamento do presidente em exercício José Sarney em adotar o programa de emergência do PMDB, é de que ele se agarrou ao plano "como a uma bóia", para lançar amarras junto ao partido. Na mesma linha de comportamento, saem indicações do Presidente para que o ministro do Planejamento, Sr. João Sayad, atue com mais desenvoltura, sabendo-se que por trás dessa operação estão o Sr. José Serra e o PMDB.

Não desejando agarrar-se primordialmente à Frente Liberal, o Sr. José Sarney, mesmo mantendo o pacto com o PMDB, não poderá abrir mão da presença do ministro Francisco Dornelles no Ministério.

LEONARDO MOTA NETO